

Julietta

ANNE FORTIER



SEXTANTE
FICÇÃO

Para minha amada mãe, Birgit Malling Eriksen,
cuja magnanimidade e hercúlea pesquisa
tornaram este livro possível.

Alguns terão perdão, outros castigo;
De tudo isso há muito o que falar.
Mais triste história nunca aconteceu
Que esta, de Julieta e seu Romeu.

– SHAKESPEARE

PRÓLOGO

*D*izem que morri.

Meu coração parou e eu não respirava – aos olhos do mundo, estava morta de verdade. Alguns dizem que durou três minutos, outros afirmam que foram quatro. Pessoalmente, começo a achar que a morte é, acima de tudo, uma questão de opinião.

Sendo Julieta, acho que eu devia ter percebido que isso ia acontecer. Mas queria muito acreditar que, dessa vez, não seria de novo a mesma velha tragédia lamentável. Dessa vez ficaríamos juntos para sempre, Romeu e eu, e nosso amor nunca mais seria interrompido por tenebrosos séculos de exílio e morte.

Mas não se pode tapear o Bardo. Assim, morri, como tinha que ser, quando minhas falas se esgotaram, e tornei a cair no poço da criação.

Ó alegre pena, eis tua folha.

Pronto, tinta, deixa-me começar.

*Que sangue é esse aqui que mancha
A pedra do portal deste sepulcro?*

*D*emorei um pouco a descobrir por onde começar. Você poderia dizer que minha história teve início há mais de 600 anos, com um assalto numa estrada na Toscana medieval. Ou, mais recentemente, com uma dança e um beijo no Castello Salimbeni, quando meus pais se viram pela primeira vez. Mas eu nunca ficaria sabendo de nada disso sem o acontecimento que mudou minha vida da noite para o dia e me obrigou a viajar à Itália em busca do passado. Esse acontecimento foi a morte de minha tia-avó Rose.

Umberto levou três dias para me encontrar e me dar a triste notícia. Considerando minha virtuosidade na arte de desaparecer, muito me admira que ele tenha conseguido. Mas, por outro lado, Umberto sempre teve a insólita capacidade de ler meus pensamentos e prever meus atos e, além disso, havia um número limitado de colônias de férias dedicadas a Shakespeare na Virgínia.

Quanto tempo ele ficou lá, assistindo do fundo da plateia à representação teatral, não sei dizer. Eu estava nos bastidores, como sempre, absorta demais com as crianças, suas falas e a cenografia para notar qualquer outra coisa a meu redor até cair o pano. Depois do ensaio geral daquela tarde, alguém tinha posto o frasco de veneno no lugar errado e, na falta de coisa melhor, Romeu teria de cometer suicídio comendo balinhas Tic-Tac.

– Mas elas me dão azia! – queixou-se o menino, com toda a angústia acusatória de um adolescente de 14 anos.

– Excelente! – respondi, resistindo ao impulso maternal de ajeitar a boina de veludo em sua cabeça. – Isso o ajudará a entrar no personagem.

Só mais tarde, quando as luzes se acenderam e a garotada me arrastou até o

palco para me bombardear com sua gratidão, notei aquela figura familiar parada perto da saída, contemplando-me em meio aos aplausos. Rígido e majestoso como uma estátua, com seu terno e gravata escuros, Umberto se destacava como um junco solitário de civilização num charco primitivo. Sempre fora assim. Desde quando eu me lembrava, ele nunca havia usado uma única peça de roupa que se pudesse considerar informal. Para ele, bermudas cáqui e camisas polo eram trajes de homens aos quais não restara nenhuma virtude, nem mesmo a vergonha.

Mais tarde, quando a investida dos pais agradecidos diminuiu e pude finalmente sair do palco, o diretor do projeto me parou por um instante. Ele me segurou pelos ombros e me sacudiu calorosamente – me conhecia bem demais para tentar me dar um abraço.

– Ótimo trabalho com a garotada, Julie! – comentou, animado. – Posso contar com você de novo no próximo verão, não é?

– Com certeza – menti, recomeçando a andar. – Estarei por aqui.

Enfim me aproximando de Umberto, busquei em vão aquele arzinho de felicidade que costumava surgir no canto de seus olhos quando me via depois de um certo tempo. Mas não havia nem sinal de sorriso e então compreendi por que ele tinha vindo. Aninhando-me em silêncio em seu abraço, desejei ter o poder de virar a realidade de cabeça para baixo, como uma ampulheta, e fazer com que a vida não fosse um processo finito, mas uma passagem perpetuamente repetida por um buracozinho no tempo.

– Não chore, *principessa* – murmurou ele, com o rosto em meu cabelo –, ela não gostaria disso. Não podemos viver para sempre. Ela estava com 82 anos.

– Eu sei, mas... – recuei e enxuguei os olhos. – Janice estava lá?

Umberto apertou os olhos, como sempre fazia quando se mencionava minha irmã gêmea.

– O que você acha? – retrucou.

Só então, olhando de perto, vi que ele parecia magoado e ressentido, como se houvesse passado as últimas noites bebendo até dormir. Mas talvez isso fosse natural. Sem tia Rose, o que seria de Umberto? Até onde minha memória alcançava, os dois sempre tinham estado atrelados numa parceria necessária de dinheiro e força bruta – ela bancando a beldade que fenecia, ele, o mordomo paciente – e, apesar de suas diferenças, estava claro que nenhum dos dois jamais se dispusera a tentar viver sem o outro.

O Lincoln havia sido discretamente estacionado perto da fogueira e ninguém viu Umberto pôr minha velha mochila no porta-malas, antes de abrir a porta traseira com deliberada cerimônia.

– Quero me sentar na frente. Por favor!

Ele balançou a cabeça com ar reprovador e abriu a porta do carona:

– Eu sabia que tudo ia desmoronar.

Mas nunca tinha sido tia Rose quem insistira na formalidade. Embora Umberto trabalhasse para ela, sempre havia sido tratado como uma pessoa da família. Mas nunca retribuía da mesma forma. Toda vez que tia Rose o convidava a se sentar conosco à mesa de jantar, Umberto simplesmente a fitava com intrigada tolerância, como se, para ele, fosse um eterno mistério o fato de ela continuar a convidá-lo e, de algum modo, simplesmente não entender. Umberto fazia todas as refeições na cozinha: sempre fora e sempre seria assim, e nem mesmo o nome de Cristo – proferido com exasperação crescente – era capaz de convencê-lo a se sentar conosco, nem sequer no Dia de Ação de Graças.

Tia Rose desdenhava essa peculiaridade de Umberto como coisa de europeu, o que emendava sem esforço com um discurso sobre tirania, liberdade e independência, que inevitavelmente culminava em ela nos apontar o garfo e rosnar “e é por isso que *não* passaremos as férias na Europa. Especialmente na Itália. Fim de papo”. Pessoalmente, eu tinha quase certeza de que Umberto preferia fazer as refeições sozinho apenas por considerar sua própria companhia muito superior ao que tínhamos a oferecer. Ficava lá na cozinha, tranquilo com sua ópera, seu vinho e seu pedaço de queijo parmesão perfeitamente curado, enquanto nós – tia Rose, Janice e eu – trocávamos farpas e tiritávamos de frio na sala de jantar. Se eu pudesse, também teria passado todos os minutos de todos os dias na cozinha.

Ao cruzarmos o escuro vale do Shenandoah nessa noite, Umberto me falou das últimas horas de tia Rose. Ela havia morrido serenamente, durante o sono, depois de uma noite em que ouvira todas as suas canções favoritas de Fred Astaire, em seus discos cheios de estalos. Ao se extinguir o último acorde da última melodia, ela se levantara e abrira a porta dupla envidraçada que dava para o jardim, quem sabe querendo aspirar mais uma vez o perfume das madressilvas. Enquanto ficou parada ali, de olhos fechados, contou-me Umberto, as longas cortinas de renda tremularam em volta de seu corpo esguio sem fazer nenhum som, como se ela já fosse um fantasma.

– Será que fiz a coisa certa? – perguntara ela, baixinho.

– É claro que fez – fora a resposta diplomática de Umberto.

ERA MEIA-NOITE quando deslizamos pela entrada de automóveis da casa de tia Rose. Umberto já me avisara que Janice tinha chegado da Flórida naquela tarde,

com uma calculadora e uma garrafa de champanhe. Mas isso não explicava o segundo carro esporte estacionado bem em frente à porta.

– Espero sinceramente que não seja *aquela* o agente funerário – comentei, tirando a mochila da mala antes que Umberto pudesse chegar a ela. Mal pronunciei as palavras, estremei diante de minha própria irreverência. Era completamente atípico eu falar assim, o que só acontecia quando estava perto de minha irmã.

Olhando apenas de relance para o carro misterioso, Umberto ajeitou o paletó como quem ajusta um colete à prova de balas antes do combate:

– Receio que existam muitos tipos de “agentes”.

Tão logo cruzamos a porta de entrada da casa de tia Rose, percebi o que ele queria dizer. Todos os enormes retratos do vestíbulo tinham sido retirados da parede e estavam encostados nela, como delinquentes diante de um pelotão de fuzilamento. E o vaso veneziano que sempre estivera na mesa redonda sob o lustre já havia sumido.

– Olá? – gritei, sentindo uma onda de raiva que não experimentava desde a última vez que tinha ido lá. – Ainda há alguém vivo?

Minha voz ecoou pela casa silenciosa, mas, tão logo o eco se extinguiu, ouvi pés apressados no corredor de cima. Apesar da corridinha culpada, porém, Janice teve que fazer sua habitual aparição em câmera lenta na escadaria larga, com o diáfano vestido de verão enfatizando suas curvas suntuosas muito mais do que se ela não estivesse usando nada. Com uma pausa para a imprensa internacional, ela jogou os cabelos compridos para trás com lânguida presunção e me lançou um sorriso desdenhoso antes de começar a descer.

– Ora, vejam – observei, com a voz meigamente gélida –, a “virgenteriana” ainda está viva.

Só então notei o macho da semana vindo atrás dela, com o mesmo ar desgredado e de olhos injetados de todos os que passavam algum tempo a sós com minha irmã.

– Lamento decepcioná-la – respondi, largando a mochila no chão com um baque. – Posso ajudá-la a despojar a casa dos objetos de valor ou você prefere trabalhar sozinha?

A risada de Janice era como um mensageiro dos ventos na varanda do vizinho, instalado ali exclusivamente para chatear.

– Este é o Archie – informou ela, em seu tom ao mesmo tempo profissional e casual. – Ele vai nos dar 20 mil por essa tralha toda.

Olhei para os dois enojada ao se aproximarem de mim:

– Quanta generosidade da parte dele! É óbvio que ele tem paixão por lixo.

Janice lançou-me um olhar gelado, mas logo se conteve. Sabia muito bem que eu não dava a mínima para sua opinião e que sua raiva apenas me divertia.

Nasci quatro minutos antes dela. Não importa o que ela fizesse ou dissesse, eu sempre seria quatro minutos mais velha. Ainda que, em sua cabeça, Janice fosse a lebre hipersônica, e eu, a tartaruga que se arrastava, ambas sabíamos que ela podia dar quantas voltinhas arrogantes à minha volta quisesse que nunca me alcançaria de verdade, jamais cobriria aquela distância minúscula que nos separava.

– Bem – disse Archie, com uma olhadela para a porta aberta –, estou de saída. Prazer em conhecê-la, Julie... é Julie, não é? Janice me falou tudo a seu respeito – acrescentou, com um risinho nervoso. – Parabéns pelo bom trabalho, continue firme! Faça a paz e não amor, como dizem.

Janice acenou com meiguice quando Archie saiu, deixando a porta de tela bater. Porém, assim que ele se afastou e ela já não podia ser ouvida, seu rosto angelical se tornou demoníaco, como um holograma do Dia das Bruxas:

– Não se atreva a me olhar desse jeito! – disse, em tom zombeteiro. – Estou tentando ganhar algum dinheiro para nós. Não me parece que você esteja ganhando nenhum, está?

– Mas também não tenho o seu tipo de... despesas – falei, apontando com a cabeça para suas recauchutagens mais recentes, claramente visíveis sob o vestido colante. – Diga-me, Janice, como é que eles *enfiam* isso tudo aí dentro? Pelo umbigo?

– Diga-me, Julie – imitou minha irmã –, como é não ter nada enfiado aí? Nunca!

– Perdão, senhoras – disse Umberto, colocando-se educadamente entre nós, como já fizera inúmeras vezes –, mas posso sugerir que terminem esse diálogo cativante na biblioteca?

Quando alcançamos Janice, ela já se acomodara na poltrona favorita de tia Rose, com um gim-tônica aninhado na almofada da cena de caça à raposa que eu tinha feito em ponto de cruz no último ano do ensino médio, enquanto minha irmã caçava presas eretas.

– O que foi? – perguntou, olhando-nos com mal disfarçada repulsa. – Vocês não acham que ela deixou metade da biritá pra mim?

Era típico de Janice procurar briga sobre o cadáver de alguém, então lhe dei as costas e fui até a porta envidraçada. Lá fora, no terraço, os amados vasos de terracota de tia Rose pareciam uma fileira de carpideiras, com as corolas das flores pendendo, inconsoláveis. Foi uma visão inusitada. Umberto sempre mantivera o jardim sob perfeito controle, mas talvez já não encontrasse prazer nesse trabalho agora que aquela que fora sua patroa e plateia agradecida não existia mais.

– Fico surpresa por você ainda estar aqui, Birdie – comentou Janice, girando a bebida. – Se eu fosse você, a esta altura já estaria em Las Vegas. Com a prataria.

Umberto não respondeu. Fazia anos que parara de falar diretamente com Janice. Em vez disso, olhou para mim:

– O enterro será amanhã.

– Não acredito que você tenha planejado tudo sem nos consultar – disse Janice, balançando uma das pernas sobre um braço da poltrona.

– Era o que ela queria.

– Há mais alguma coisa que devemos saber? – indagou minha irmã, soltando-se do abraço da poltrona e endireitando o vestido. – Presumo que cada um de nós vá receber a sua parte, certo? Ela não se apaixonou por nenhuma fundação estapafúrdia de proteção aos animais ou coisa parecida, não é?

– Você quer dar um tempo? – retruquei com rispidez e, por um ou dois segundos, Janice pareceu realmente sem jeito. Mas depois deu de ombros, como sempre fazia, e tornou a estender a mão para a garrafa de gim.

Nem me dei o trabalho de olhar para seu fingido jeito estabanado, erguendo as sobrancelhas feitas à perfeição num ar assombrado, para mostrar que não tivera a intenção de servir toda aquela quantidade. Assim como o sol se derretia lentamente no horizonte, Janice logo se derreteria numa *chaise longue*, deixando as grandes questões da vida a serem respondidas pelos outros, desde que garantissem que sua bebida continuasse chegando.

Desde minhas mais remotas lembranças, Janice sempre fora assim: insaciável. Quando éramos pequenas, tia Rose costumava rir, encantada, e exclamar: “Se essa menina estivesse numa prisão feita de biscoitos, fugiria de lá abrindo caminho a dentadas”, como se a voracidade de Janice fosse motivo de orgulho. Mas, afinal, tia Rose estava no topo da cadeia alimentar e, ao contrário de mim, não tinha nada a temer. Até onde eu podia me lembrar, Janice sempre havia conseguido descobrir meus doces, não importava onde eu os escondesse, e as manhãs de Páscoa em nossa família eram desagradáveis, meio brutas e curtas. Chegavam inevitavelmente ao clímax quando Umberto a repreendia por ter roubado minha cota de ovos de Páscoa, e Janice, com os dentes cheios de chocolate, respondia sibilando, debaixo da cama, que ele não era seu pai e não podia lhe dizer o que fazer.

O frustrante era que seu físico não a denunciava. Sua pele recusava-se obstinadamente a revelar seus segredos; era lisa como a cobertura acetinada de um bolo de noiva, as feições moldadas com a mesma delicadeza das frutinhas e florezinhas de marzipã criadas pelas mãos de um mestre confeitoiro. Nem gim nem café nem vergonha nem remorso, nada havia conseguido abrir uma rachadura naquela fa-

chada vitrificada. Era como se Janice tivesse dentro de si uma fonte perene de vida, como se levantasse toda manhã rejuvenescida no poço da eternidade, nem um dia mais velha, nem um grama mais gorda e ainda sedenta do mundo.

Para minha infelicidade, não éramos gêmeas idênticas. Uma vez, no pátio da escola, entreouvi alguém se referir a mim como um Bambi de pernas de pau e, embora Umberto tivesse rido e dito que aquilo era um elogio, não foi o que me pareceu. Mesmo depois de ultrapassar a idade em que tinha sido mais desajeitada, eu sabia que, perto de Janice, continuava parecendo magrela, desengonçada e anêmica; aonde quer que fôssemos ou o que quer que fizéssemos, ela era tão morena e efusiva quanto eu era pálida e reservada.

Sempre que entrávamos juntas num cômodo, todos os refletores viravam-se imediatamente para ela e, mesmo estando bem a seu lado, eu era apenas mais uma pessoa na plateia. Com o tempo, entretanto, fiquei à vontade em meu papel. Nunca precisava me preocupar com a conclusão de minhas falas, porque Janice inevitavelmente as concluía por mim. E, nas raras ocasiões em que alguém perguntava sobre minhas esperanças e meus sonhos – em geral, quando eu tomava uma refinada xícara de chá com um dos vizinhos de tia Rose –, Janice me puxava para o piano, que tentava tocar enquanto eu virava as páginas da partitura para ela. Mesmo agora, aos 25 anos, eu ainda me agitava e acabava empacando nas conversas com estranhos, torcendo desesperadamente para ser interrompida antes de ter que combinar um verbo com um objeto.

SEPULTAMOS TIA ROSE debaixo de uma chuva forte e o cemitério parecia quase tão imundo quanto eu me sentia por dentro. Parada junto a seu túmulo, senti as gotas pesadas de água caírem de meu cabelo e se misturarem com as lágrimas que me escorriam pelas faces; os lenços de papel que eu levava de casa havia muito tinham se transformado numa pasta em meus bolsos.

Apesar de ter chorado a noite inteira, nem de longe eu estava preparada para a triste sensação de fim que experimentei quando o caixão foi baixado à terra, meio de lado. Um caixão tão grande para a estrutura longa e esguia de tia Rose!... De repente me arrependi de não ter pedido para ver o corpo, mesmo que não fizesse diferença para ela. Ou será que faria? Talvez ela estivesse nos observando de algum lugar muito distante, querendo poder nos dizer que havia chegado em segurança. Foi uma ideia consoladora, uma bem-vinda distração da realidade, e desejei poder acreditar nela.

Ao fim do enterro, a única pessoa que não parecia um roedor afogado era Janice, que usava botas de plástico com saltos de 10 centímetros e um chapéu preto

que expressava tudo, menos luto. Em contraste, eu estava usando o que um dia Umberto havia rotulado de meu traje de freira; se as botas e o decote de Janice diziam *venha*, meus sapatos pesados e o vestido abotoado até o pescoço com certeza diziam *cai fora*.

Algumas pessoas apareceram junto à sepultura, mas somente o Sr. Gallagher, o advogado da família, ficou para conversar. Nem Janice nem eu jamais o tínhamos encontrado, mas tia Rose falara dele com tanta frequência e tamanho carinho que o homem estava fadado a ser uma decepção.

– Pelo que entendo, você é pacifista, certo? – perguntou-me, ao sairmos juntos do cemitério.

– Jules adora uma briga – disse Janice, andando toda contente no meio, indiferente ao fato de a aba de seu chapéu jogar água em nós dois – e também gosta de atirar coisas nas pessoas. O senhor soube o que ela fez com a Pequena Sereia...?

– Chega – interrompi, tentando encontrar um pedaço seco em minha manga para enxugar os olhos pela última vez.

– Ora, não seja tão modesta! Você saiu na primeira página!

– E eu soube que sua empresa vai muito bem, não é? – indagou o Sr. Gallagher, olhando para Janice e tentando sorrir. – Deve ser um desafio fazer todo mundo feliz, imagino.

– Feliz? Argh! – retrucou Janice, por pouco não pisando numa poça. – A felicidade é a pior ameaça para minha firma. É de sonhos que se trata. Frustrações. Fantasias que nunca se realizam. Homens que não existem. Mulheres que nunca se pode ter. É aí que está o dinheiro: encontros, encontros e mais encontros...

Janice continuou a falar, mas parei de ouvir. Era uma das grandes ironias da vida que o trabalho de minha irmã fosse combinar parceiros amorosos, porque ela era, provavelmente, a pessoa menos romântica que eu conhecia. Apesar de sua ânsia de flertar com todos os homens, ela os via como pouco mais do que ruidosos aparelhos elétricos que a gente ligava na tomada quando precisava deles e desligava assim que o trabalho estivesse terminado.

Curiosamente, quando éramos crianças, Janice tinha a obsessão de dispor tudo aos pares – dois ursinhos de pelúcia, duas almofadas, duas escovas de cabelo... Até nos dias em que estávamos brigadas ela colocava nossas bonecas para dormir lado a lado na prateleira, às vezes até abraçadas. Nesse aspecto, talvez não fosse estranho ela escolher como carreira promover a formação de casais, já que era um verdadeiro Noé em matéria de juntar pessoas aos pares. O único problema era que, ao contrário dele, havia muito tempo que Janice se esquecera do motivo por que fazia isso.

Era difícil dizer quando as coisas tinham mudado. Em algum momento do ensino médio, ela havia tomado como missão destruir qualquer sonho de amor que eu tivesse. Trocando de namorado como quem trocava de calcinha, Janice extraía um prazer singular de me deixar nauseada, ao descrever tudo e todos numa gíria desdenhosa que fazia eu me perguntar por que afinal as mulheres se relacionavam com os homens.

– Então – disse-me, prendendo rolinhos cor-de-rosa em meu cabelo, na véspera de nosso baile de formatura –, esta é a sua última chance.

Olhei-a pelo espelho, intrigada com esse ultimato, mas impossibilitada de responder por baixo de uma de suas máscaras de lama verde-hortelã, que se transformara numa crosta seca em meu rosto.

– Você sabe... – prosseguiu, com uma careta de impaciência – é sua última chance de romper o laço. O baile de formatura é pra isso. Por que você acha que os rapazes se arrumam todos? Porque gostam de dançar? Ora, francamente! – Ela me deu uma olhada pelo espelho, para ver como estava indo. – Você sabe o que dizem se você não fizer isso no baile. Você é puritana. Ninguém gosta de puritanas.

Na manhã seguinte, reclamei de uma dor de estômago e, à medida que se aproximava a hora do baile, minha dor foi piorando. Tia Rose acabou tendo que telefonar para os vizinhos e lhes dizer que era melhor o filho deles arranjar outra companhia. Enquanto isso, um atleta chamado Troy foi buscar Janice e eles desapareceram numa fumaça de pneus cantando.

Depois de ouvir meus gemidos a tarde inteira, tia Rose começou a insistir em que fôssemos ao pronto-socorro, para o caso de ser apendicite, mas Umberto a tranquilizou, dizendo que eu não estava com febre e que sem dúvida não era nada grave. À tardinha, quando parou junto à minha cama, vendo-me dar espiadas por baixo do cobertor, percebi que sabia exatamente o que estava acontecendo e que, de um modo estranho, estava satisfeito com meu engodo. Ambos sabíamos que não havia nada de errado com o filho dos vizinhos; a questão era apenas que ele não se encaixava no perfil do homem que eu havia imaginado como meu amante. E, se eu não podia ter o que queria, preferia perder o baile.

– Então – disse Janice, tirando-me de minhas recordações e afagando o Sr. Gallagher com um sorriso acetinado –, por que não vamos direto ao ponto? Quanto?

Nem tentei intervir. Afinal, assim que recebesse seu dinheiro, ela partiria para o eterno parque de caça dos animados aspirantes a parceiros amorosos e eu nunca mais voltaria a vê-la.

– Bem – disse o Sr. Gallagher, parando meio sem jeito no estacionamento, ao lado de Umberto e do Lincoln –, receio que a fortuna esteja quase totalmente vinculada à propriedade.

– Escute – disse Janice –, todos sabemos que é meio a meio até o último centavo, certo? Então, vamos acabar com essa conversa mole. Ela quer que tracemos uma linha pelo meio da casa? Tudo bem, podemos fazer isso. Ou então... – ela deu de ombros, como se lhe fosse indiferente – podemos simplesmente vender a casa e dividir a grana. Quanto?

– A verdade é que, no final – o Sr. Gallagher olhou para mim com certo pesar – a Sra. Jacobs mudou de ideia e resolveu deixar tudo para a Srta. Janice.

– *O quê?* – Corri os olhos de Janice para o Sr. Gallagher e para Umberto, mas não obtive o menor apoio.

– Puta merda! – exclamou Janice, abrindo um largo sorriso. – A velhota tinha senso de humor, no final das contas!

– É claro – prosseguiu o Sr. Gallagher, erguendo as sobrancelhas – que uma soma foi separada para o Sr... para Umberto e há uma referência a certas fotografias emolduradas que sua tia-avó queria que ficassem com a Srta. Julie.

– Ora, estou me sentindo generosa – disse Janice.

– Esperem um instante – interrompi, dando um passo atrás e me esforçando para digerir a notícia –, isso não faz o menor sentido.

Desde que eu podia me lembrar, tia Rose fizera o possível e o impossível para nos tratar com igualdade; pelo amor de Deus, eu chegara até a flagrá-la contando o número de nozes-pecãs do nosso *müсли* matinal, para ter certeza de que nenhuma de nós recebesse mais do que a outra! E ela sempre havia falado na casa como algo que, no futuro, pertenceria a nós duas. “Vocês precisam mesmo aprender a se entender”, dizia. “Não vou viver para sempre, vocês sabem. E, quando eu me for, vocês duas vão compartilhar esta casa e o jardim também, não é?”

– Compreendo a sua decepção... – disse o Sr. Gallagher.

– Decepção? – repeti. Senti vontade de agarrá-lo pelo colarinho, mas em vez disso enfiei as mãos nos bolsos o mais fundo que pude. – Não pense que engoli essa história. Quero ver o testamento – declarei. Fitei-o diretamente nos olhos e o vi estremecer sob meu olhar. – Alguma coisa está acontecendo pelas minhas costas...

– Você sempre foi má perdedora – observou Janice, saboreando minha fúria com um sorriso maldoso –, é isso que está acontecendo.

– Tome – disse o Sr. Gallagher, abrindo a pasta com as mãos trêmulas e me entregando um documento. – Esta é a sua cópia do testamento. Receio que não haja muita margem para contestação.

UMBERTO ME ENCONTROU no jardim, agachada sob o caramanchão que ele construíra para nós quando tia Rose ficara de cama com pneumonia. Sentando-se a meu lado no banco molhado, ele não comentou meu sumiço infantil, apenas me entregou um lenço absolutamente bem passado e me observou assoar o nariz.

– Não é o dinheiro – comentei, em tom defensivo. – Você viu o risinho zombeteiro dela? Ouviu o que ela disse? Ela não se importa com tia Rose. Nunca se importou. Não é justo!

– Quem lhe disse que a vida era justa? – indagou Umberto, me olhando com as sobrancelhas arqueadas. – Eu é que não fui.

– Eu sei! Só não entendo... Mas a culpa é minha. Sempre achei que ela levava a sério a ideia de nos tratar com igualdade. Peguei dinheiro emprestado... – Cobri o rosto para evitar o olhar dele. – Não diga nada!

– Você já acabou?

Balancei a cabeça.

– Ótimo – disse Umberto. Abriu o paletó e tirou um envelope pardo ligeiramente amassado. – Porque ela queria lhe dar isto. É um grande segredo. Gallagher não sabe. Janice não sabe. É só para você.

No mesmo instante, fiquei desconfiada. Era muito atípico de tia Rose me dar alguma coisa pelas costas de Janice, mas, por outro lado, também fora muito atípico ela me excluir de seu testamento. Estava claro que eu não conhecia a tia de minha mãe tão bem quanto supunha. E também não me conhecia por completo até esse momento. Pensar que eu seria capaz de me sentar ali, justamente nesse dia, e chorar por causa de dinheiro! Embora estivesse com 50 e tantos anos quando nos adotou, tia Rose tinha sido uma mãe para nós e eu devia me envergonhar por querer mais alguma coisa dela.

Quando enfim abri o envelope, havia três coisas dentro dele: uma carta, um passaporte e uma chave.

– Este é o meu passaporte! – exclamei. – Como foi que ela...? – Voltei a olhar para a fotografia. Era minha, assim como a data de nascimento, mas o nome não era o meu. – Giulietta? Giulietta Tolomei?

– Esse é seu nome verdadeiro. Sua tia o trocou quando a trouxe da Itália para cá. Ela também trocou o de Janice.

Fiquei perplexa:

– Mas *por quê?*... Há quanto tempo você sabe disso?

Umberto baixou os olhos:

– Por que você não lê a carta?

Desdobrei as duas folhas de papel:

– Foi você que escreveu isto?

– Ela ditou para mim – respondeu Umberto, com um sorriso tristonho. – Queria ter certeza de que você conseguiria ler.

A carta dizia:

Minha querida Julie,

Pedi a Umberto que lhe entregasse esta carta depois de meu enterro, portanto, imagino que isso signifique que eu estou morta. Enfim, sei que você continua aborrecida por eu nunca ter levado vocês duas à Itália, mas acredite em mim quando digo que foi para o seu bem. Eu jamais me perdoaria se lhes acontecesse alguma coisa. Mas agora você está crescida. E há uma coisa lá em Siena que sua mãe deixou para você. Só para você. Não sei por quê, mas Diane era assim, que Deus a tenha. Ela encontrou uma coisa que supostamente ainda está lá. Pelo jeito, é algo muito mais valioso do que qualquer bem que eu já tenha possuído. E foi por isso que decidi agir desta maneira e dar a casa à Janice. Eu tinha a esperança de que pudéssemos evitar tudo isso e esquecer a Itália, mas agora começo a achar que seria um erro nunca lhe contar.

O que você deve fazer é o seguinte. Pegue esta chave e vá ao banco do Palazzo Tolomei. Em Siena. Acho que ela é de um cofre no banco. Sua mãe a carregava na bolsa quando morreu. Havia um consultor financeiro lá, um homem chamado Francesco Maconi. Procure-o e diga que você é filha de Diane Tolomei. Ah, outra coisa. Troquei os nomes de vocês. Seu nome verdadeiro é Giulietta Tolomei. Mas estamos nos Estados Unidos. Achei que Julie Jacobs faria mais sentido, mas ninguém sabe soletrá-lo também. Onde este mundo vai parar? Não, eu tive uma vida boa. Graças a vocês. Ah, e mais uma coisa: Umberto vai lhe dar um passaporte com seu nome verdadeiro. Não tenho a menor ideia de como se fazem essas coisas, mas não vem ao caso, deixaremos isso por conta dele.

Não vou dizer adeus. Nós nos veremos de novo no paraíso, se Deus quiser. Mas eu queria me certificar de que você recebesse o que é seu por direito. Apenas tome cuidado por lá. Veja o que aconteceu com sua mãe. A Itália pode ser um lugar muito estranho. Sua bisavó nasceu lá,

é claro, mas uma coisa eu lhe digo: ninguém conseguiria arrastá-la de volta para lá, nem por todo o dinheiro do mundo. Seja como for, não conte a ninguém o que eu lhe disse. E procure sorrir mais. Você tem um sorriso lindo quando o usa.

*Que Deus a abençoe.
Com todo o meu amor,*

Titia

Demorei um pouco para me recuperar da carta. Ao lê-la, quase pude ouvir tia Rose a ditando, tão maravilhosamente desmiolada na morte quanto tinha sido em vida. Quando terminei de usar o lenço de Umberto, ele não o quis de volta. Disse-me que o levasse comigo para a Itália, para que me lembrasse dele quando encontrasse meu grande tesouro.

– Ora, vamos! – retruquei, assoando o nariz pela última vez. – Nós dois sabemos que não há tesouro nenhum!

Ele pegou a chave:

– Você não está curiosa? Sua tia estava convencida de que sua mãe havia encontrado uma coisa muito valiosa.

– Então, por que ela não me contou antes? Por que esperar até estar... – Joguei os braços para o alto. – Isso não faz sentido.

Umberto espremeu os olhos:

– Ela queria contar. Mas você nunca estava por perto.

Esfreguei o rosto, basicamente para evitar seu olhar acusador.

– Mesmo que ela tivesse razão, você sabe que não posso voltar à Itália. Eles me prenderiam num piscar de olhos. Você sabe o que eles me disseram...

Na verdade, eles – a polícia italiana – tinham me dito muito mais do que eu contara a Umberto. Mas ele sabia o essencial. Sabia que certa vez eu fora presa em Roma, durante uma manifestação pacifista, e passara uma noite muito pouco recomendável numa prisão local, antes de ser expulsa do país ao amanhecer, com ordens de nunca mais voltar. Ele também sabia que a culpa não havia sido minha. Eu tinha 18 anos e tudo o que havia desejado era ir à Itália para ver o lugar onde nascera.

Suspirando diante dos quadros de avisos da faculdade, com seus anúncios de viagens de estudos e dispendiosos cursos de línguas em Florença, eu havia deparado com um pequeno cartaz que condenava abertamente a guerra no Iraque e

todos os países que participavam dela. Entre eles, me empolguei ao descobrir, estava a Itália. No pé da página havia uma lista de datas e destinos; qualquer pessoa interessada na causa seria bem-vinda. Uma semana em Roma – incluindo a viagem – não custaria mais de 400 dólares, exatamente o que restava em minha conta bancária. Mal sabia eu que essa tarifa reduzida só era possível pelo fato de ser quase certo não passarmos a semana inteira lá e de a despesa com nossa viagem de volta e com o último pernoite – se tudo corresse como planejado – ser bancada pelas autoridades italianas, ou melhor, pelos contribuintes italianos.

Assim, entendendo pouquíssimo sobre o propósito da viagem, voltei várias vezes àquele cartaz antes de finalmente me inscrever. Na mesma noite, porém, rolando de um lado para o outro na cama, percebi que havia cometido um erro e teria que desfazê-lo o mais depressa possível. Só que, na manhã seguinte, quando disse isso a Janice, ela apenas revirou os olhos e comentou: “Aqui jaz Jules, cuja vida não foi grande coisa, mas que um dia *quase* foi à Itália.”

É óbvio que tive de ir.

Quando as primeiras pedras começaram a voar em frente ao Parlamento italiano – atiradas por dois de meus companheiros de viagem, Sam e Greg –, nada teria sido mais agradável para mim do que estar de volta em meu quarto no dormitório, com um travesseiro sobre a cabeça. Mas fiquei presa na multidão, como todas as outras pessoas, e, quando a polícia romana se cansou de nossas pedradas e coquetéis molotov, fomos todos batizados com gás lacrimogêneo.

Foi a primeira vez na vida em que me vi pensando: *eu poderia morrer agora*. Caída no asfalto e vendo o mundo – pernas, braços, vômito – através de uma névoa de dor e incredulidade, esqueci completamente quem eu era e para onde estava levando minha vida. Como os mártires de outrora, talvez, descobri um outro lugar, um ponto que não era vida nem morte. Mas então a dor voltou, o pânico também e, passado um momento, de repente aquilo parou de parecer uma experiência religiosa.

Meses depois, eu ainda me perguntava se tinha me recuperado por completo dos acontecimentos de Roma. Quando me obrigava a pensar no assunto, tinha a incômoda sensação de que ainda estava esquecendo alguma coisa crucial sobre quem eu era – algo que tinha sido derramado naquele asfalto italiano e nunca mais voltara.

– É verdade – disse Umberto, abrindo o passaporte e examinando minha fotografia. – Eles disseram a Julie Jacobs que ela não poderia voltar à Itália. Mas e quanto a Giulietta Tolomei?

Fiquei estupefata. Ali estava Umberto, que ainda me repreendia por eu me ves-

tir de hippie, me instigando a descumprir a lei.

– Você está sugerindo...?

– Por que acha que mandei fazer isto? O último desejo de sua tia foi que você fosse à Itália. Não parta meu coração, *princesa*.

Ao ver a sinceridade em seus olhos, tornei a lutar contra as lágrimas.

– Mas e você? – perguntei em tom brusco. – Por que não vai comigo? Poderíamos achar o tesouro juntos. E, se não o acharmos, que se dane. Viraremos piratas. Correremos os sete mares...

Umberto estendeu a mão e tocou meu rosto com muita delicadeza, como se soubesse que, quando eu partisse, nunca mais voltaria. E que, se um dia tornássemos a nos encontrar, não seria assim, sentados juntos num esconderijo de criança, de costas para o mundo lá fora.

– Existem certas coisas que uma princesa tem que fazer sozinha – disse em voz baixa. – Você se lembra do que eu lhe disse... que um dia você encontraria o seu reino?

– Aquilo foi apenas uma história. A vida não é assim.

– Tudo o que dizemos é uma história. Mas nada do que dizemos é *apenas* uma história.

Atirei os braços em volta dele; ainda não estava preparada para perdê-lo.

– E você? Não vai ficar aqui, vai?

Umberto apertou os olhos para a madeira trabalhada do caramanchão:

– Acho que Janice tem razão. Está na hora de o velho Birdie se aposentar. Eu deveria roubar a prataria e ir para Las Vegas. Com a minha sorte, é provável que o dinheiro durasse uma semana. Portanto, não se esqueça de me telefonar quando encontrar seu tesouro.

Encostei a cabeça em seu ombro:

– Você será o primeiro a saber.